

PORTO SEGURO (BA)

Haja protesto!

O POLICIAMENTO TENTA BARRAR OS MANIFESTANTES

Antônio Scorza/AFP

A AMEAÇA DOS VÁRIOS SEGMENTOS SOCIAIS É CONTRA AS COMEMORAÇÕES OFICIAIS DOS 500 ANOS DO PAÍS NO ESTADO DA BAHIA

PORTO SEGURO, BA (AFP) – Índios, negros, camponeses, sindicalistas, estudantes, representantes de organizações internacionais e de outros movimentos sociais ameaçam estragar, este sábado, as comemorações oficiais dos 500 anos de Descobrimento do Brasil.

O comitê "Brasil Outros 500", entidade que agrupa todas essas entidades, espera reunir, no Centro de Porto Seguro, cidade baiana onde serão celebrados os eventos oficiais, mais de 10 mil pessoas.

Para todas elas, o desafio é chegar à cidade, atravessando as barreiras que mais de 5 mil policiais mantêm nos arredores de Porto Seguro. O presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), José Dirceu, está negociando com o Governo Federal para liberar a passagem dos mais de 100 ônibus que chegarão à região no dia 22.

"Não podem nos recusar o direito de ir e vir, a liberdade de expressão e de pensamento", declarou Paulo Maluf, integrante do Comitê Outros 500.

Estes manifestantes se unirão aos indígenas, que desde segunda-feira realizam uma conferência nos arredores da cidade, e aos camponeses sem-terra, que foram expulsos a 80 quilômetros de Porto Seguro, mas prometem voltar amanhã.

"Não permitiremos a passagem de manifestantes que alterem a ordem pública", advertiu o coronel Cristovão Rios, respon-



PELA DIGNIDADE Dois chefes potiguaras debatem os problemas relativos a seus povos durante a Conferência Indígena, em Coroa Vermelha

sável pela operação.

Efetivamente, os controles policiais em Porto Seguro são especialmente agressivos com índios, camponeses e todas as pessoas que se aproximarem dos lugares onde as minorias estiverem reunidas. As comunidades indígenas e os sem-terra não saem das estradas sem a companhia de advogados que defendem seus direitos junto aos militares.

O medo de uma manifestação expressiva no dia em que o presidente Fernando Henrique Cardoso chegar à cidade, junto com seu colega português Jorge

Sampaio, obrigou o presidente a encurtar sua agenda em Porto Seguro, segundo fontes do Governo da Bahia.

Porta-vozes da Presidência mostraram sua preocupação pelo tom "agressivo e radical" das manifestações dos camponeses e índios.

No entanto, em entrevista à AFP, o ministro do Turismo, Rafael Greca, organizador da festa oficial, assegurou que o presidente provavelmente visitará os índios Pataxó em Coroa Vermelha, localidade próxima a Porto Seguro, informação que não foi confirmada oficialmente.

ESTÁTUA

Nesta aldeia, um pataxó está entalhando em madeira a estátua gigante de um índio, para representar todas as "populações indígenas do Brasil e do mundo". Com medo de uma possível intervenção da polícia, que já destruiu um monumento indígena há três semanas, o local onde será colocada esta imagem é mantido em segredo.

Nos arredores de Porto Seguro, o protesto do movimento negro consistiu em construir uma pequena aldeia, idêntica às que seus antepassados criavam

ao fugir da escravidão. As organizações de defesa dos direitos humanos dos negros também participarão da manifestação de repulsa aos 500 anos.

Os protestos contra o que chamam de "Invasão europeia", ao invés de "Descobrimento", estão aumentando a ponto de inquietar as autoridades, que temem que as comemorações, fruto de meses de trabalho e investimentos de milhões de dólares, se percam em meio a uma onda de protestos, que certamente atrairão os olhos da comunidade internacional.

Índios reclamam maioria

Paulo Whitaker/Reuters

COROA VERMELHA, BA (AFP) – Os primeiros habitantes do Brasil não conseguiram, em 500 anos de presença do homem branco no País, demonstrar que são maiores de idade, condição que reclamam esta semana em um congresso inédito que reúne mais de 2,5 mil índios.

Os representantes de mais de 100 tribos reclamaram ontem sua autonomia e criticaram a Igreja e o Governo, cujas tentativas de manipulação são visíveis às vésperas da celebração dos 500 anos do Brasil, segundo os líderes indígenas.

"Acreditamos em nossa organização, em nossa autonomia", declarou José Adalberto, representante da tribo Macuxi, de Roraima lembrando que os índios conseguiram arrecadar fora do Brasil mais de 300 mil dólares para a organização da conferência.

De acordo com o líder macuxi, os índios não são contrários à existência de organizações humanitárias que os ajudem a defender seus direitos, mas para eles é necessário criar entidades em que os próprios índios lutem por seus interesses. Algumas já existem, como o Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Capoib), que funciona como uma confederação que representa todos os povos indígenas.

Outra proposta foi a criação de um partido indígena. A participação das mais de 200 tribos brasileiras na vida política é modesta: 29 vereadores e dois prefeitos índios em um País de 165 milhões de habitantes.

Desde ontem, os líderes indígenas discutem a substituição do obsoleto Estatuto do Índio, que data dos anos 60, pelo Estatuto das Sociedades Indígenas, que reconhece seus direitos como povo, lhes dá maior independência para entrar e sair de suas terras e reforça seus mecanismos de representação.

O Congresso brasileiro esteve estudando o texto do



APOIO Índios da tribo Crenac estão presentes na conferência

Estatuto das Sociedades Indígenas esses dias. Sua aprovação, segundo políticos de oposição, seria a demonstração de respeito que as comunidades indígenas esperam dos brancos neste ano 2000.

Segundo a Constituição de 1988, os índios são considerados menores, sem direito a voto ou passaporte. Uma minoria deles conseguiu estudar e foi considerada "adulta" e responsável por seus atos.

Para o líder macuxi, pelo menos 30% das tribos não estão representadas em nenhuma organização, por desinteresse ou falta de comunicação.

O líder yanomami Davi Kopenawa, por exemplo, cuja tribo vive na fronteira com a Venezuela e teve seu primeiro contato com os brancos há 30 anos, não sabia, até chegar a Porto Seguro, que o País estava celebrando os 500 anos de seu descobrimento.

DOCUMENTO HISTÓRICO

Chega carta de Caminha

SÃO PAULO (AE) – Está no Brasil a carta de Pero Vaz de Caminha. Ela chegou de Portugal ontem, às 5h20, ao aeroporto internacional de São Paulo e está no Pavilhão Manoel da Nobrega, no Parque do Ibirapuera. A exposição da carta de Caminha ao público começa na terça-feira e se estende até 5 de setembro. No domingo, às 20h30, o presidente Fernando Henrique Cardoso e o presidente português Jorge Sampaio abrem a mostra para convidados.

A carta também será exposta em Brasília, no Palácio do Itamaraty (de 7 de setembro a 6 de outubro), no Rio de Janeiro (Museu Histórico Nacional, de 16 de outubro a 15 de novembro), Salvador (Museu de Arte de Salvador, entre 20 de novembro e 17 de dezembro), Recife (Museu de Arte Moderna, entre 20 de dezembro e 21 de janeiro de 2001) e São Luís, no Maranhão. Depois, o documento retorna a Portugal.

Informações sobre a Mostra do Redescobrimento podem ser obtidas pelo telefone 0800 780 500. A central vai esclarecer dúvidas sobre preços da exposição, entrega de ingressos e ainda agendar visitas monitoradas para escolas e grupos fechados de no mínimo 11 e máximo 22 pessoas. As escolas particulares que se interessarem, poderão fechar um pacote no qual cada aluno pagará R\$ 6. As escolas públicas usufruem do serviço gratuitamente. Os professores da rede pública que se apresentarem com o holerite pagarão meia entrada. O ingresso para o público em geral será de R\$ 7 por pavilhão, de terça a sexta-feira e de R\$ 10 aos sábados, domingos e feriados. Quem quiser visitar os três pavilhões vai poder comprar um único ingresso por R\$ 10, de terça a sexta-feira e por R\$ 15, nos fins de semana e feriados. Maiores de 60 anos e estudantes pagam meia entrada. Assinantes de jornal e grupos de empresas com um mínimo de 30 pessoas terão 25% de desconto no valor do ingresso. Quem quiser visitar o Cine Caverna vai pagar R\$ 6.